

2002. *Gênero na Universidade*. In *Educação em Revista*. UNESP. Universidade de Marília, nº 3, 2002:73-78 (ISS1518-7926)

” GÊNERO NA UNIVERSIDADE

A nova mulher ideal foi “liberada” da ignorância, mas os educadores projetaram currículos destinados a prepará-la antes de mais nada, para desempenhar seu papel “natural” como gerente racional da vida doméstica e como socializadora inteligente da geração futura “. (diz Susan Besse 1998:11 referindo-se ao começo do século XX).

Na passagem do século XIX para o XX o Brasil se transformava rapidamente para o sistema capitalista- urbano-industrial. Do ponto de vista do gênero a sociedade realimentava a desigualdade entre homens e mulheres. Aos homens era proporcionada a possibilidade de novas carreiras e profissões ; às mulheres se ofereciam oportunidades que conservavam seus antigos papéis domésticos e familiares. Besse qualifica o novo sistema de gênero (Besse, 1998:11) como ambíguo. Parece-me, no entanto, que se instalava mais uma vez, sob nova roupagem, profunda contradição dando-se às mulheres plena cidadania desde que os novos direitos não afetassem os papéis familiares, estes sim considerados fundamentais.

Depois de um século do exercício destes meio- direitos qual é a situação que as brasileiras enfrentam no início do século XXI?

Os dados de 2000 do Censo Escolar do MEC afirmam que as mulheres são mais escolarizadas que os homens, havendo mais meninas do que meninos no ensino fundamental (primeiros 8 anos). Contudo trata-se de uma verdade relativa. Analisando-se os dados da população universitária, em nível de graduação, da maior universidade pública brasileira e uma das maiores da América Latina, a

Universidade de São Paulo (USP), observar-se-á uma clara diferenciação de gênero.

Há na graduação um total de 39.294 estudantes dos quais 22.519 são alunos e 16.775 alunas, ou seja 57% e 43% respectivamente. A diferença de 14% da população masculina sobre a feminina poderia ser interpretada como *uma tendência* ao incremento de mulheres na Universidade se as **diferenças entre os cursos não fossem tão acentuadas do ponto de vista do gênero.**

De um total de 33 unidades da USP - sendo a maioria no campus da Capital de S. Paulo, os demais nos campus de São Carlos, Ribeirão Preto e Bauru - observa-se que 10 unidades são **igualmente** freqüentados por homens e mulheres, 10 unidades são predominantemente freqüentados por **alunas** e 13 são freqüentados predominantemente por **rapazes**. Veja-se a distribuição no Quadro 1. E nas Figuras 1, 2, 3)

Os números até aqui apresentados poderiam ser interpretados como a indicar que jovens de ambos os sexos tendem a freqüentar igualmente a Universidade. Um exame mais profundo, porém, indica outra realidade.

No Quadro 1 vê-se uma divisão em cursos "igualitários", isto é, freqüentados por rapazes e moças em proporção semelhante (menos de 15% de diferença para um dos sexos). Na coluna relativa aos "cursos com freqüência mais feminina observam-se que alguns tem perto ou mais de 90 % de mulheres: Enfermagem (S. Paulo e Ribeirão Preto), Educação, Saúde Pública. Outros seis cursos tem mais de 60% do corpo discente composto por mulheres: Farmácia (S. Paulo, e Ribeirão Preto), Medicina Veterinária, Odontologia (S. Paulo e Bauru). O curso de Odontologia de Ribeirão Preto é igualitário .

Finalmente há um conjunto de 13 unidades cujos cursos são majoritariamente freqüentado por homens. Em 5 deles os alunos perfazem mais de 80 % dos estudantes: todas as escolas de Engenharia da Capital ou de outras cidades, Matemática, Computação, Física; outras 8 escolas tem mais de 60% do corpo discente composto de homens : Direito, Economia e

Administração, Medicina de Ribeirão Preto, Astronomia e Geofísica, Geociências , Estatística.

Quais os significados desta diferenciação de gênero? Que efeitos ela tem no presente momento?

Evidentemente não se pode dizer que haja algum impedimento de ordem intelectual ou física que impeça uma mulher de ser engenheira, astrônoma, etc.. Do mesmo modo não há incompatibilidade em ter o sexo biológico feminino e ser agrônoma, advogada, física ou matemática. **Considerando-se que a mulher é tão inteligente quanto o homem, tem capacidades intelectuais e físicas para todas estas atividades, serão certamente razões sociais que criarão barreiras para o exercício de certas profissões para as quais estes cursos preparam.**

Tanto é que em algumas cidades do interior do Estado de São Paulo a proporção é distinta da Capital – provavelmente devido à falta de oportunidades nas áreas desejadas pelos estudantes.

Pós Graduação

A distribuição do corpo discente na pós-graduação, em termos absolutos, indica que há tantas mulheres quanto homens ou seja 14.209 homens 14.086 mulheres. Embora careça este artigo de maior análise sobre a distribuição dos cursos de Pós-graduação e gênero, é viável sugerir a hipótese de que tendo alcançado a universidade -

tanto mulheres como homens - tendem a prosseguir na formação obtida alcançando níveis mais elevados.

Corpo Docente

Neste campo mais uma vez a barreira de gênero se impõe: há 3.148 professores e 1.546 professoras. Enfrentar concorrência, dispor de redes de apoio intra-universitária, são fatores que certamente facilitam ou dificultam a entrada, permanência e ascensão dentro de carreiras científicas (Durán, 1996).

Conclusão:

A condição de gênero encontra na universidade um cenário sofisticado de divisão sexual entre carreiras. Aparentemente o esforço individual - suposto fator que equiparia mulheres e homens, igualmente competentes – não se realiza.. Outros fatores paralelos como fazer parte de grupos de apoio à pesquisa, facilidade de publicação e de ver suas obras divulgadas, apoio em votos para cargos na burocracia acadêmica, são fatores que facilitam ou retardam carreiras científicas. O campo científico é sexuado e retransmite experiências e obstáculos que homens e mulheres enfrentam na sociedade e na comunidade científica.

Os cursos universitários freqüentados na entrada do terceiro milênio são ainda correspondentes à divisão sexual do trabalho nas atividades domésticas, aplicando-se nas áreas do cuidar, do ensinar, de manutenção da família. Vale ainda a orientação citada por Besse, corrente na passagem do século passado e que colocamos no início deste estudo a família e as atividades domésticas deveriam e devem ser compatibilizadas para a mulher e só para ela quando da escolha de profissões mesmo que universitárias.

Finalmente um pequeno adendo: gostaria de informar que estes dados são de 2000, os primeiros e últimos até agora publicados pela USP por gênero. Considero-me um pouco responsável por esta informação e agradeço aos Pró- Reitores que aceitaram minha solicitação de que os dados deixassem de ser publicados em bloco mas que houvesse uma informação por detalhada para mulheres e homens.

Bibliografia

Besse, Susan (1999) Modernizando a Desigualdade. São Paulo. Edusp.

Durán, M. Angeles (1996) Mujeres y Hombres em la Formación de la Teoria Sociológica. Madrid.. CIS.

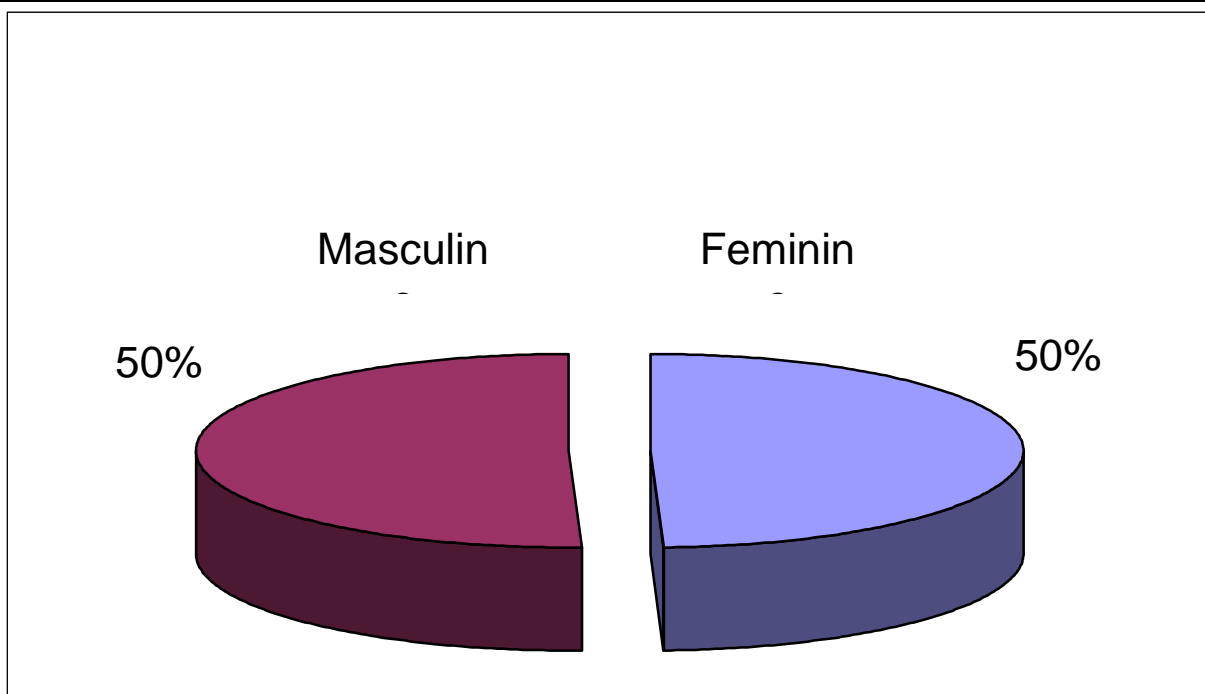
Eva Alterman Blay

Profa Titular de Sociologia

Coordenadora Científica do NEMGE (Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

CURSOS IGUALITÁRIOS SEM PREDOMINÂNCIA DE SEXO



Classificação dos Cursos: Área Artísticas e Coletivas

Cursos: ECA, Educação Física, FAU, Medicina, Odonto (Rib Preto), Zoot e Engenharia de Alimentos.

Quadro 1

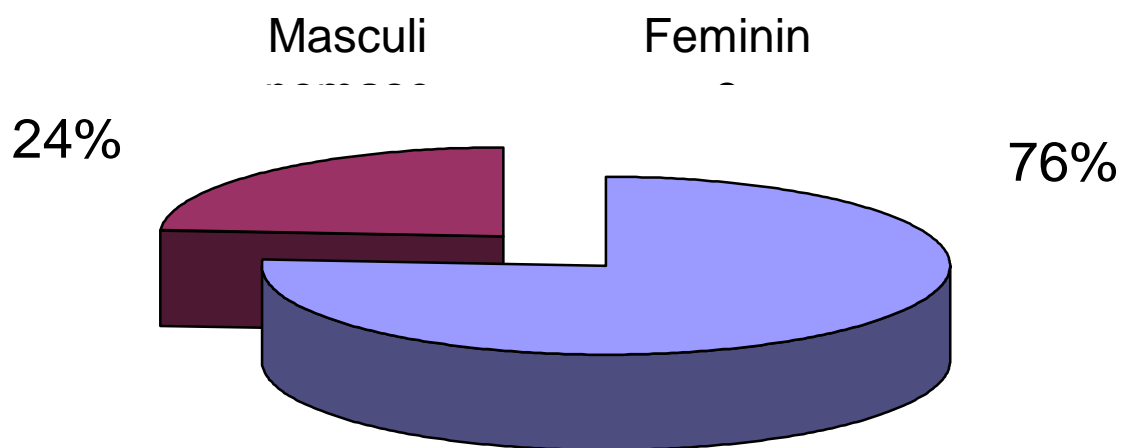
Corpo discente da USP, graduação, por unidade e sexo, %

Curso	Igualitários	+ Femininos	+ Masculinos
ECA	52 x 47		
Ed Física	44 x 56		
Enfermagem		96 x 4	
“ Rib Preto		93 x 7	
FAU	50 x 49		
Farmacia		64 x 36	
“ Rib.Preto		61 x 39	
Educação		89 x 11	
Eng. São Carlos			18 x 81
Politécnica			12 x 88
ESALQ			32 x 60
Fac.Direito			40 x 60
FEA			30 x 70
Medicina	48 x 52		
“ Rib.Preto			27 x 73
“ Veterinaria		62 x 38	
Saúde Publica		95 x 5	
Odontologia		65 x 35	
“ Rib.Preto	52 x 48		
“ Baurú		65 x 35	
Zoot.+ Eng Alim.	45 x 55		
Astron + Geof.			29 x 71
Biociencias	54 x 46		
Mat + Comput.			20 x 80
Física			17 x 83
“ S. Carlos			18 x 82
Fis + Quim SC			37 x 63
Geoc			33 x 67
Mat + Estat.			28 x 72
Psicologia		66 x 34	
Quimica	48 x 52		
“ S.Carlos	47 x 53		
Fac. Fil.Rib Pto		61X 39	
FFLCH	55 x 45		

Obs. O primeiro n.º é relativo à mulher

Figura 2

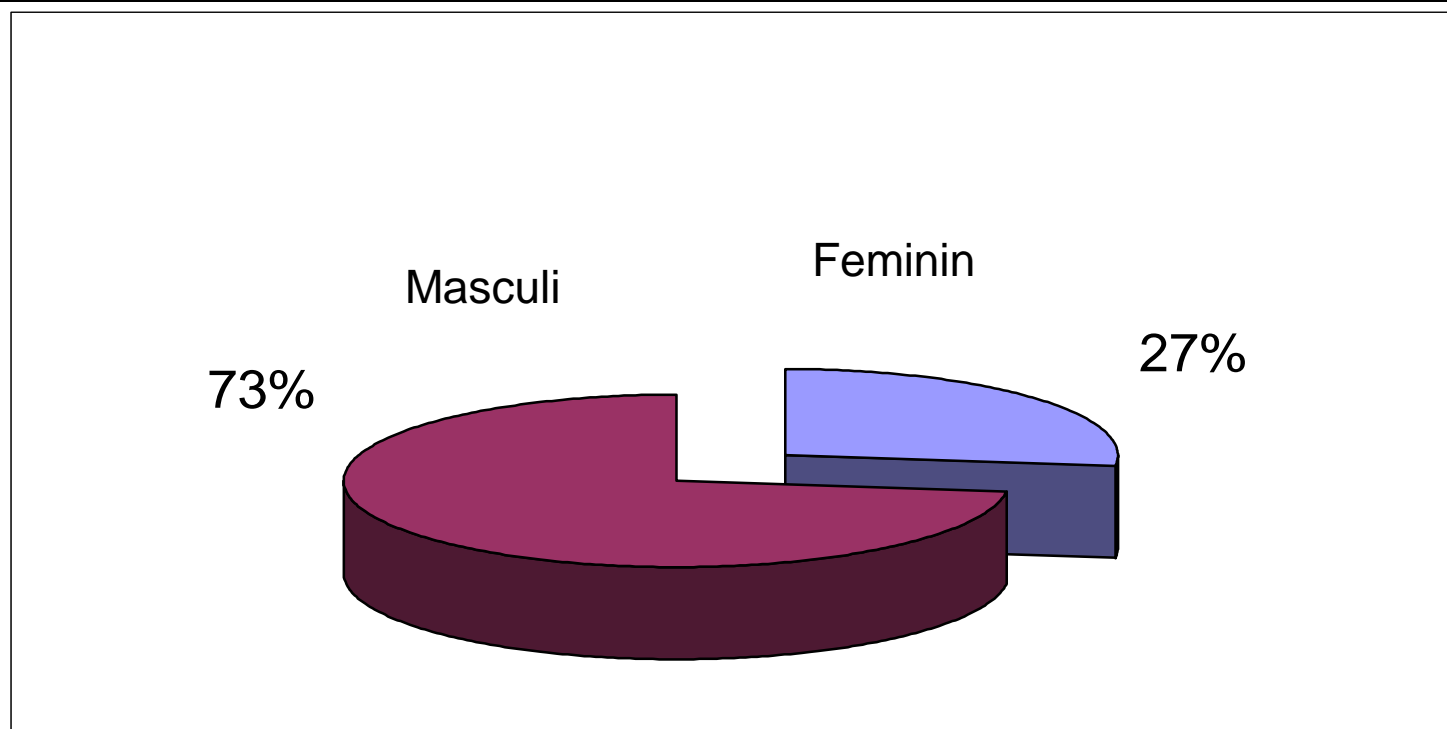
PREDOMINÂNCIA DO SEXO FEMININO



Classificação dos Cursos: Área de Saúde Educação e Cuidar

Cursos: Enfermagem, Farmácia, Educação, Veterinária, Saúde Pública, Odontologia e Psicologia

Figura 3 UNIDADES DE PREDOMINÂNCIA MASCULINA



Classificação dos cursos: Áreas Técnicas e Químicas

Cursos: Engenharia; São Carlos, Politécnica e ESALQ, Direito, FEA, Medicina Ribeirão, Astron e Matemática e Computação, Física, Goec e Matemática e Estatística